

## **“Novos” quilombos no Brasil ? – comunidades rurais de imigrantes africanxs no contexto transnacional do conflito da terra**

### **resumo**

O artigo se dedica à comunidade de produção agroecológica “Le Saloum” na província de Rio de Janeiro/ Brasil, fundada por refugiados da África em consequência dum novo colonialismo, ou seja, duma migração causada pela recolonização do continente africano dentro do capitalismo global(izado). Particularmente interessante é que nessa migração sul-sul a comunidade se encontra num país mesmo organizado por estruturas (pós-)coloniais. No Brasil, xs imigrantes africanxs são confrontadxs com as herências racistas da antiga colônia respeito à estrutura social e distribuição dos bens/propriedade, e, além disso, olham ao rosto moderno do imperialismo que já conheceram violentamente nos seus países de origem. Como Etiópia, Mosambique ou o Senegal, também o Brasil é uma região marcada pela luta por terra, como herência do sistema colonial tanto como efeito de várias formas de expropriações modernas que envolvem uma série obscura de empresas multinacionais e diferentes atores locais e globais. Pretendo traçar paralelas e entrelaços entre o colonialismo histórico e o capitalismo global, tanto como das formas de migração forçada que ambos acarretam e causam. Parto de contraposições concretos como a iniciativa regional dos *Combos Orgânicos*.

*palavras-chaves: Migration, Rassismus, Widerstand, Landkonflikt, quilombo, agricultura orgânica*

### **Uma migração sul-sul**

Diouf Mame Birame, produtor orgânico no sítio Le Saloum nos aoredores rurais de Teresópolis, veio do Senegal no ano 2011. No seu país de origem ele creceu numa família de camponêses até que o deflorestamento na região chegou mais e mais perto à sua aldeia: “Fiz o mesmo trabalho que a gente ta fazendo. Nao há nada ver com issa galera cortando madeira para fazer isse carvão, acabando com a natureza.” Com a derrubada másiva para obter carvão, a terra fica seca, vulnerável à tempo e vento, e, começaram as ameaças. Viam-se obrigadxs de mudar. Diouf explica: “Eu não quero acordar olhar a galera fazer issas coisas. Então, essa questão da segurança também, que a galera também falou que sai fora.”

O Senegal é um dos países que mais sofre baixo os efeitos da alteração climática global. Uma extrema aridez entre os anos 1971 e 1990 causou a desertificação de vastas regiões do país. A antiga colônia francesa se encontra num círculo vicioso: O deflorestamento másivo tem um gran impacto na falta da chuva. Nos anos 60 e 70 o governo pós-colonial sugeriu à população

cutar árvores para fazer e vender carvão. Hoje em dia se perde mais de 430,000 hectares por ano; a média de 250 árvores per hectare baixou a uns 20 árvores per hectare. A despeito de que no entretanto virou o curso da política; se manifestou proibições e, ademais, vários projetos de reflorestamento foram iniciado nos últimos 20 anos para agir contra esse desenvolvimento alarmante, a situação continua agravando: Segue a extrema dependência do ganho do carvão num país com alto desemprego (mais de 70% dos jovens) e uma agricultura dura e empobrecida. Estão involucrados também uma industria de madeira que segue explorando de forma ilegal para exportar carvão aos países vizinhos. Alem disso, o país se encontra faz anos numa crisis de energia por causa dos preços crescentes de petróleo, o que ainda mais empiora a dependência e a demanda do carvão, já que no ano 2010 foram postos em funcionamento mais duas centrais de energia basada nisse combustível escasso. Outro fator devastador da terra é a atribuição de extensos terrenos para o monocultivo de amendoim, o produto mais importante da exportação senegalesa. Na maioria dos casos está na mão de empresas e investores multinacionais, que ocupam áreas de cultivo necessitadas para a alimentação básica da população. Junto com o control internacional sobre as licenças e sítios de pesca na costa senegalesa leva à alarmante subalimentação e uma migração crescente para Europa e, em quantidade menor, América do Sul (sobre tudo Brasil<sup>1</sup>).

Também o Diouf não viu mais futuro no Senegal. Tivesse tido que juntar-se às grandes favelas que, como consequência do éxodo rural, seguem crescendo enfrente das cidades o que para ele, que creceu e trabalhou no campo, não foi opção. Com ajuda da *Caritas* ele chegou no Brasil, falando o Wolof e mais duas línguas africanas, más sem conhecimento do português. Depois de tres meses morando numa favela, o irmão dele comprou o terreno de Le Saloum e começaram a cultivar segundo o sistema PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável) produtos orgânicos. Adaptaram-se rápidamente à nova variedade de frutas, verduras, à terra húmeda de Rio de Janeiro e ao clima desconhecido. Um dia chegou Alexandre Nascimento, iniciador do projeto dos *Combos Orgânicos* e iniciou o intercâmbio e a cooperação com outras comunidades de cultivo orgânico na região e o repartimento dos seus produtos através dos *Combos*. Le Saloum e os outros Sítios agrícolas contribuem a fortalecer o abastecimento regional com alimentos produzidos sem tóxicos e a um preço justo. Além dos *Combos*, onde interatuam diferentes famílias, *quilombos* e produtores pequenos, segundo Diouf se esta formando uma rede forte e interativa de agricultores orgânicos muito diversas na região. O número aumentou de 30, quando ele chegou em Le Saloum, a uns 65

---

<sup>1</sup> ver <https://www.theguardian.com/global-development/gallery/2015/aug/28/acre-brazil-migrants-haiti-senegal-marcio-pimenta-in-pictures>

produtores só em Teresópolis. A feira semanal cresceu dumas poucas barracas a um acontecimento importante duas vezes na semana com mais de 60 barracas e, ademais, Diouf e outrxs estão vendendo em feiras orgânicas na cidade de Rio de Janeiro e Le Saloum fornece uma escola com verduras.

### **Os Combos Orgânicos**

A iniciativa dos *Combos Orgânicos* reparte os produtos da família N’Dyae/Birame do Sítio Le Saloum, dos produtores familiares do AFOJO de Guapimirim do Sítio Luar das Estrelas e da comunidade do Fojo, e das comunidades quilombolas de São José da Serra e Alto da Serra do Mar na cidade do Rio de Janeiro em forma de cestas. O iniciador Alexandre Nascimento cresceu num quilombo e, graduado em Ciências Sociais pela PUC-Rio e com MBA em Gestão Ambiental pelo IBPNUMA, trabalha com consultoria em projetos de agroecologia e na gestão do sistema de produção. Ademais ministra palestras, cursos e workshop no que tange a agroecologia e a questão afro. É idealizador e curador dos projetos PANORAMA AFRO e de AfroConnect. Ele explica: “COMBOS ORGÂNICOS é o resultado da iniciativa de apoio ao escoamento da produção a um preço justo, a fim de popularizar a cultura do consumo de alimentos orgânicos e agroecológicos.”

O projeto nasceu quando ele realizou visitas técnicas nas comunidades remanescentes de quilombos de São José da Serra e Alto da Serra do Mar para averiguar e atenuar os impactos ambientais duma empresa distribuidora de energia elétrica local. Segundo Alexandre, concomitantemente ocorreram reuniões para a compreensão da alimentação e práticas agrícolas das comunidades e juntxs implementaram o sistema PAIS nos sítios. Desenvolvido para melhorar e independizar o cultivo de famílias agrícolas, com PAIS se planeja o cultivo de diferentes espécies de forma circular aoredor dum pequeno galinheiro. Os métodos de irrigação e adubo possibilitam um cultivo orgânico completamente independente do uso de tóxicos.

Alexandre: O sistema PAIS (produção agroecológico integrada e sustentável) foi criado pelo senegalês Aly N’Dyae [An. da autora: o irmão de Diouf Mame Birame] após observar o enorme dispêndio de recursos para a aquisição de agentes químicos utilizados para ‘fertilizar’ o solo e/ou impulsionar o crescimento da produção durante seu estágio em agronomia na região do Brejal em Petrópolis.

Pautado em alicerces educacionais tradicionais aliados a compreensão acadêmica, Aly concebeu o PAIS através de preceitos e concepções da miscigenação senegalesa, porém com subsídios e utensílios locais. Pensado para ser empregado em comunidades com poucos recursos financeiros, esta tecnologia ao chegar às comunidades quilombolas possibilitou rememorar hábitos e práticas de cultivo que já estavam sendo esquecidas dentre as comunidade – cobertura morta, adubação verde local, reintrodução de

alimentos, reativação do banco de semente, rodízio de culturas, uso inteligente do recurso hídrico -, alavancou a produção

A colheita das comunidades aumentou tanto que, ademais da venda em feiras orgânicas, começaram de distribuir os produtos dentro de amigos e parentes no Rio de Janeiro, finalmente através do internet, do facebook e via mailing. Ao passo do tempo se juntaram os Sítios Le Saloum e AFOJO e *Combos Orgânicos* passou a ser algo mais do que a uma mera plataforma de distribuição:

No entanto, através da zona de contato proporcionada pelas práticas agrícolas se tornou possível intercambiar costumes, culinária, danças, hábitos caseiros, práticas agrícolas locais, compreender a relação das florações com as chuvas, perceber sons, contemplar relações animais, apreender como prevenir e remediar doenças, práticas litúrgicas, ou seja, praticar a pedagogia quilombola adentrando numa nova visão de mundo. Detentoras de diversos saberes e diferentes formas de apreensão/apropriação dos elementos da natureza tais comunidades quilombolas acabaram se tornando pontos de visitação.

Hoje em dia a formação e interação é muito importante para as comunidades. Recebem visitas de escolas e organizam *mutirões*<sup>2</sup> com outros produtores e pessoas geralmente interessadas para transmitir e intercambiar práticas e saberes de agricultura orgânica em comunidade. Não obstante, trata-se dum projeto com poucos recursos financeiros que fica vulnerável à acontecimentos como a quebrada do carro de transporte que atualmente impossibilita recolher os produtos de São José da Serra e Alto da Serra do Mar.

### **Comunidades de africanxs recém chegados no Brasil: herência/sucessor do *quilombo*?**

Le Saloum adquiriu tradicionais práticas *quilombolas* através do intercâmbio dentro dos *Combos*, más também deixa-se interpretar (junto com outras comunidades quilombolas de cultivo alternativo) como quilombo no sentido que forma uma célula de resistência pequena em contra o sistema dominante da agricultura industrial e global. Com o uso da palavra “quilombo” nissa temática da migração africana atual quero apontar a um contexto de *continuum* em que issas comunidades nascem - à continuação (até reforço) de mecanismos de expropriação e exploração no capitalismo global que seguem sendo fortemente ligados à discriminação racial. Sem dúvidas é importante ficar consciente das diferenças entre comunidades da migração recente e o quilombo brasileiro no sentido histórico, que tem as suas raízes na experiência coletiva da escravidão, da resistência e da migração interna da população afro no Brasil. Não obstante, o exemplo dos *Combos Orgânicos* demonstra uma

---

<sup>2</sup> “Mutirão” se originou da palavra tupi “motyrô”, que significa “trabalho em comum”. Trata-se de mobilizações coletivas originalmente de trabalho no campo, onde os participantes prestam ajuda mútua gratuitamente e sem hierarquia. Ver Ferreira, A. B. H.: Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Segunda edição. Rio de Janeiro, 1986. p.1 175. Ver também Bowen, p. 156

solidariedade e colaboração possível, um intercâmbio de práticas culturais, interesses (políticos) em comum e paralelas nas condições de fundação histórica e vivência atual.

Sendo o primeiro sistema globalizado (no sentido administrativo duma exploração organizada e eficaz; o *comércio triangular*) o colonialismo estabelecido nos séculos XVII/XVIII em vários aspectos é precursor do capitalismo global que transforma o mundo dos impérios numa Terra “privatizada”. Ele como aquele se funda e funciona crucialmente na convicção e na imposição dum mundo diferenciado, no que o homem<sup>3</sup> não é igual, mas catalogado e integrado no sistema segundo região de origem, cor da pele, e prosperidade. A desigualdade (racial) do homem possibilita distintas formas de expropriação e seguidamente de exploração, produção e cultivo intenso que os impérios coloniais instalaram violentamente nas suas extensões ultramaras. Dessa desigualdade o capitalismo (como ideologia que legitima o *status quo* depois da denúncia do autoritarismo colonial pelo humanismo do esclarecimento) promete a ascensão (‘liberdade’) do indivíduo caso que se aguarde e se supere a exploração ‘necessária’, essencializada na sociedade capitalista.

O capitalismo moderno se constrói em gran parte em cima do sistema autoritário-colonial tanto respeito à distribuição material como aos mecanismos de exploração. Nesse contexto a questão da agricultura volta crucial. No Brasil, a maior parte da terra foi “distribuída” - ou seja, os seus moradores deslocados, assassinados, escravizados e oprimidos - na era colonial sem reforma agrária/ restituição ou repartimento significativo das terras ao passo dos 128 anos depois da abolição. Isso liga propriedade no Brasil diretamente à cor da pele. O latifúndio fica o símbolo mais claro da desigualdade social e do racismo inalterado. O deslocamento estratégico de cultivo intenso às grandes fazendas nas colônias hoje em dia encontra outra dimensão nas monoculturas para a exportação no mundo globalizado.

### **A agricultura industrial em tempos pós-coloniários**

A agricultura capitalista submetida às condições do mercado mundial é incompatível com a estrutura duma rede de pequenos agricultores que produzem sobre tudo para o abastecimento próprio e regional. O cultivo em monoculturas sobre tudo para a exportação traz o empenho de pesticidas altamente tóxicos para trabalhadores, consumidores e solos. Em todo planeta a agricultura industrializada é uns dos maiores destrutores ambientais (e uns dos

---

<sup>3</sup> No português, para mim resulta difícil encontrar um equivalente da palavra alemão “Mensch”. A tradução literária “homem” contém a problemática do que o masculino cobre a semântica do geral, dando gramaticalmente sumiço às ao menos 50% de seres femininas. Expressões alternativas como “pessoas” nesse caso resulta inadequada porque contém o reconhecimento social da pessoa como tal, o que no contexto da escravidão e da sociedade colonial justamente não é caso. Finalmente, “o ser humano” expressa certa associação poética que nesse contexto também não me parece razoável. Daí decidi no texto seguinte suspender a uniformidade semântica e gramatical da palavra, marcando a diversidade de gênero (e outros) com \*.

maiores factores da alteração climática), sociais e de saúde, que se entrelaza e se intensifica entre sim, por exemplo, a produção de soya alimenta a intensa pecuária europeia.

Tal agricultura luta agresivamente contra pequenas familias agricolas independentes e termina com a diversidade do cultivo e com o ecossistema do que elas fazem parte. Se a comunidade quilombola tende de pensar em formas circulares de cultivo, se ela funciona através da colaboração entre vizinhos (*mutirão*) e uma completação de produtos para a sustentabilidade familiar, o agricultor capitalista segue uma lógica linear, da concorrência no mercado e da exploração irrevogável da terra (e dx trabalhador\*a). Uma lógica paradoxal, já que a alta competitividade dos grandes agricultores (como de outras empresas) se base intrinsecamente na preservação, até reforço, da desigualdade social e na terceirização dos gastos verdadeiros. Ao contrário do ganho monetário, que fica ganho privado da empresa, as consequências desse sistema não sustentável geralmente são socializados, prejudicando sobretudo grupos subalternos (p.ex. em Latino América comunidades indígenas e quilombos em zonas de “land grabbing” para o cultivo de soya e outras monoculturas<sup>4</sup>): à custa da saúde das pessoas, alteração climática, pobreza, terra seca/infértil, em fim, à custa do futuro das gerações seguintes. Nisse sentido põe-se em questão o conceito do ‘progresso’ que ainda flutua como argumento poderoso a favor da agricultura industrial. A ‘inteligência’ da tecnologia das monoculturas tem se mostrado ignorante e incapaz de reagir e interagir com os sistemas complexos e sensíveis dos espaços ecológicos. Pelo contrário, o enfrentamento consiste na luta destrutível contra a natureza e também contra formas de cultivo alternativo, muitas vezes autóctono, desprezando-os como “atrasados, simples”.: A exploração másvia pela agricultura “progressista”, “desenvolvida” produz solos estérís do que não há volta para trás.

### ***land grabbing* transnacional e migração**

A diáspora africana hoje em dia por gran parte é provocado pelo “land grabbing” pós-colonial; a búsqueda agresiva de campos de cultivo para o mercado mundial. A ligação de élités nacionais (muitas veces no poder político) e empresas multinacionais se efetua à custa

---

<sup>4</sup> A ativista quilombola Josilene (Jo) Brandão da Costa descreve nas entrevistas com Merle L. Bowen a vulnerabilidade de comunidades tradicionais sem direitos legais da sua terra (traduzidas e lamentavelmente só publicadas em inglês): “Those communities without titles are susceptible to external intruders – large landowners, multinational corporations, and large mega-project companies. We are now in the middle of a land dispute for the production of biofuels. Brazil is offering concessions to private businesses to produce crops for biofuels, but traditional communities reside on this land. Given that these communities do not have land titles, they are in danger of expulsion and forced displacement. An example is the State of Espírito Santo where they are many large companies that have taken over *quilombo* territory for the monoculture of eucalyptus [f. ex. the multinational Aracruz Cellulose Company].” ver Bowen, p. 154

da população local. A história pessoal dos refugiados realça que a diferenciação jurídica nas políticas de asílio e imigração entre refugiado *económico* e refugiado *político*, que foge por causa de guerra, tem pouca validade. Muitos países africanos encontram-se num conflito da terra difícil de separar das guerras reconhecidas como tais pela ONU, entre estados e/ou contrahentes grupos políticos/étnicos/religiosos. Os efeitos do “land grabbing” e da alteração climática – desnutrição, colheitas más, morte, expulsão - se parecem às zonas de conflitos armados tanto como a fuga que causam. E finalmente, as medidas, ameaças e perigos dos expulsadores contra xs habitantes em muitos casos resultam de violência semelhante.

A migração “voluntária” dos séc. XX/XXI mostra diferenças evidentes à captura de escravos na história colonial. Sem embargo, ao passo dos séculos, as vítimas da escravatura naquele tempo dos impérios e da migração no mundo globalizado atual segue sendo a população afro - na tuda sua variedade unida por um racismo sistemático. O estranho, o imigrante segue sendo clasificado segundo a cor da pele e região de origem.

### **Agricultura como resistência?**

Nisse contexto nascem e seguem nascendo quilombos. A definição do ‘quilombo’ é controversa questão jurídica no Brasil e daqui variam também as avaliações do número total de quilombos no país, segundo estadísticas oficiais, organizações estatais e ativistas *quilombolas*. Uma descendência direta de escravos fugidos resulta muito difícil de provar frente à lei, daí o estatus jurídico do ‘quilombo’ atualmente se basa na auto-determinação como tal e, relacionado a isso, à importancia de proteger e manter herências culturais particularmente quilombolas.<sup>5</sup>

Indudávelmente, comunidades como Le Saloum não são quilombos no sentido tradicional. Não compartilhem a experiência, o trauma coletivo da escravidão que junta xs afrobrasileirxs raptadxs para lá séculos atrás, nem os ritos, tradições, crêncas – em fim, a cultura afrobrasileira (ou melhor; as culturas) que se formou a causa, embaixo e em contra isse crime. Sem embargo, proponho uma ligação entre as comunidades de distintos migrações históricos, não só pelo origem geográfico da África más sobretudo pelas atribuições que eles unem frente à sociedade brasileira pós-colonial como ‘o Outro’.<sup>6</sup> Além disso, convido a pensar eles como

---

<sup>5</sup> O artigo mais importante da luta quilombola pelo direito à sua terra é o Art. 68 das Disposições Constitucionais Transitórias: „Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.” Ademais Art. 215 e 216 que definem aos quilombos como patrimônio brasileiro com o mesmo estatuto como sítios históricos, arqueológicos etc. Ver <http://www.planalto.gov.br>

<sup>6</sup> Confronte Jo Brandão: “[O]ur African identity is very important. We cannot conceive of *quilombos* without this connection to the continent – we did not start here but came from another place. When African people were

comunidades de *resistência*. As comunidades remanescentes, más também da imigração recente, defendem e interveem na cultura/sistema dominante com estruturas alternativas trazendo e mantendo saberes próprios.

Entender a resistência *política* de diferentes comunidades subalternas no Brasil implica repensar a nossa noção da luta política. Além do que vários deles interferem ativamente na política e lutam pelos seus direitos frente à lei (p.ex. CONAQ<sup>7</sup>, luta jurídica, manifestações), comunidades como as que participam nos *Combos Orgânicos* efetuam uma contra-posição *per se*. Negam-se da submissão baixo a produção agrária ocidental-capitalista e à vasta discriminação no mercado de trabalho frente ao imigrante africano. Nos *Combos* as famílias mantem, perseguem e (re-)desenvolvem formas de cultivo sustentável e participam em tradições quilombolas como a mutirão. Alexandre interpreta o trabalho dos *Combos* como conduta política: “Produção Agroecológica e Orgânica no sentido filosófico, político, socioambiental seria uma conduta prática para lutar contra as atrocidades sociais e econômicas geradas pela concentração de terras, desvio de água das bacias hidrográficas originais, grilagem de terras, criação de gado, latifúndio, privatização do dinheiro público... Seria um caminho para sustentabilidade plena.”

Ensaio escrito por Rita Gravert

---

brought as slaves to Brazil, they resisted slavery and we were born as a result of that resistance. [...] We are Brazilians, but our origin is Africa and we can never make that break.” em: Bowen, p. 161

<sup>7</sup> Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, fundada em 1996. Para uma introdução e história ler Brandão/Bowen, p. 161-167



As entrevistas para esse ensaio foram feitas de forma videophone com Diouf Mame Birame y de forma escrita com Alexandre Nascimento, ambas em setembro/outubro de 2016.

Para ler a entrevista de Alexandre em Pdf com fotos do projeto clique o link embaixo desse Pdf.

#### Literatura:

Bowen, Merle L.: The struggle for black land rights in Brazil: an insider's view on *quilombos* and the *quilombola* land movement. em: African and Black Diaspora: An International Journal. Vol. 3, No.2, Julio 2010. P. 147-168

O texto se constitui de duas entrevistas videophone que a autora Bowen fez com a ativista quilombola Josilene (Jo) Brandão da Costa em julho de 2008 e em janeiro de 2009 em português, e publicou nesse formato em inglês. Jo Brandão é assessora da ACONERUQ (Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão) e da CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas).

Galeano, Eduardo: Las venas abiertas de América Latina. Segunda edição. Madrid 2003.

Bush, R. (2011) 'The accumulation by dispossession', Review of African Political Economy, 38:128, p. 187-192.

Cotula, L.; Vermeulen, S.; Mathieu, P. & C. Toulmin (2011) 'Agricultural investment in international land deals: evidence from a multi-country study in Africa', Food Security 3 (Special Issue): p. 99-113.

Woodhouse, P. (2010) 'Beyond Industrial agriculture? Some questions about farm size, productivity and sustainability', Journal of Agrarian Change, 10, 3: p. 437-453.

#### Links:

<http://www.planalto.gov.br>

<http://thisisafrica.me/land-grabbing-africa-new-colonialism/>

<https://www.theguardian.com/global-development/gallery/2015/aug/28/acre-brazil-migrants-haiti-senegal-marcio-pimenta-in-pictures>

<https://www.theguardian.com/global-development/2014/may/06/senegal-forest-conservation-scheme>

<http://www.ipsnews.net/2007/04/environment-senegal-an-ongoing-battle-against-deforestation/>

<http://wrm.org.uy/oldsite/bulletin/85/Senegal.html>

<http://www.who.int/countries/sen/en/>

Vídeos relacionados:

sobre o deflorestamento no Senegal: <https://www.youtube.com/watch?v=Pb5aDPkVNLO>

sobre o sistema PAIS - <https://youtu.be/nYv6nUGdM7Q>

Apresentação dos Combos Orgânicos de forma Vídeo - <https://youtu.be/rdKJYafYDqo>

documentário sobre os quilombos do Horto e Sacopã - <https://videopress.com/v/bOq38YVr>